

PROCURA-SE LORDE

A CAMINHO DE SÃO PAULO, A JOVEM CANTORA SACODE O CENÁRIO POP COMO GENTE GRANDE. ELLE CONFERIU O SHOW DA ARTISTA EM NOVA YORK E ANTECIPA O QUE ESPERAR DE SUA APRESENTAÇÃO POR AQUI.

CAROL PASCOAL

Em novembro de 2013, a cantora neozelandesa Lorde estava dentro de um táxi, em Nova York, quando o seu recente megassucesso, *Royals*, começou a tocar na rádio. Ela deu risada e o motorista perguntou o motivo. “É a minha música”, respondeu, ainda se acostumando com a fama repentina. “Também é a minha”, brincou o distraído condutor. A confusão feita pelo taxista é totalmente plausível. Como ele poderia imaginar que a jovem passageira de 17 anos era a responsável por aqueles versos lúcidos sobre a adolescência – uma crítica à cultura pop e ao materialismo –, embalados por batidas de hip-hop? E mais: em dois meses, ela ganharia dois prêmios Grammy, desbancando concorrentes como Justin Timberlake e Katy Perry. Estrela improvável do pop, a cantora, nascida Ella Yelich-O’Connor, alcançou tal êxito ao fugir dos clichês do gênero. Lançado em setembro, o seu álbum de estreia, *Pure Heroine*, vendeu 1 milhão de cópias. Agora, a expectativa é ver a intérprete ao vivo. Em abril, será possível matar a curiosidade na edição paulistana do Lollapalooza.

A estreia de Lorde em palcos nova-iorquinos foi em agosto do ano passado, quando ela se exibiu no alternativo Le Poisson Rouge. O retorno a Manhattan, há um mês, ocorreu em

grande estilo: três datas esgotadas no legendário Roseland Ballroom (por onde passaram Nirvana e Madonna). A cantora entrou no palco sozinha. Sob um foco de luz, ela introduziu *Glory and Gore* para um público heterogêneo (eram 3 mil pessoas). Só em seguida dois músicos surgiram para fazer o acompanhamento. Com um visual de referências góticas – vestido preto plissado, cinto que marcava a cintura e batom roxo (ela acaba de fechar uma parceria com a MAC para criar uma coleção cápsula com suas marcas registradas) –, Lorde enfileirou todas as canções de *Pure Heroine* e ainda adicionou ao repertório o cover de *Swingin’ Party*, da banda The Replacements. “Gostaria de ter escrito essa música”, disse. O tom de voz grave, somado ao jogo de luzes, ao movimento de seus cabelos selvagens e a suas danças frenéticas e desajeitadas (ela parece simular pequenas convulsões), criou um efeito misterioso e interessante. *Royals* só apareceu no finalzinho, mas os fãs já haviam demonstrado que Lorde não corre o risco de se tornar mais uma artista de um hit só. Todos cantaram a maior parte das músicas. Algumas com mais entusiasmo, entre elas *Team*, *Tennis Court* e *Ribs*. Essa última foi precedida por um desabafo: “Crescer e fazer parte do mundo adulto é algo que ainda me assusta. Isso me faz acordar com medo no meio da noite. Escrever canções é uma espécie de conforto”, concluiu.

Ao vivo, a atual queridinha do pop se mostrou bastante segura e convincente. Talvez ouvir Lorde em um lugar fechado seja mais proveitoso do que no meio de um festival. Mas, como o seu show é dominado por batidas envolventes, os momentos de baladinhas devem agradar o público. Saldo final? Durante o Lollapalooza, vale a pena se dividir entre os franceses do Phoenix, que tocam no mesmo horário dela, para ver de perto a jovem que tem sacudido o cenário pop como gente grande. ■



FOTOS DIVULGAÇÃO